

A TRIPARTIÇÃO PRONOMINAL E O ESTATUTO DAS PROFORMAS CÊ, OCÊ E VOCÊ*

(The tripartition of the pronominal system and the status of the
proforms Você, Ocê and Cê)

Carol PETERSEN

(Departamento de Lingüística - Universidade de São Paulo)

“Cê vai, ocê fique, você nunca mais volte.”
João Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”

RESUMO: Este artigo mostra que os argumentos apresentados em Ramos (1997) e Vitral (1996) ao defenderem a proposta de classificação da proforma cê como um clítico não conseguem dar conta do comportamento particular desta proforma no sistema pronominal do português brasileiro. Para resolver o problema, realizo uma reanálise destes argumentos em função da teoria da tripartição pronominal de Cardinaletti e Starke (1999). De acordo com esta perspectiva, as evidências apresentadas pelos autores a favor da cliticização de cê mostram apenas que cê não é um pronome forte. Ao ser identificado como um pronome fraco, pode-se então explicar o contraste entre esta proforma e ocê e você, proformas que possuem uma variedade forte e outra fraca.

PALAVRAS-CHAVE: proformas, clíticos, pronomes fracos, pronomes fortes.

ABSTRACT: This paper shows that the arguments presented by Ramos (1997) and Vitral (1996) to support the proposal of classifying the proform cê as a clitic do not account for the particular behavior of this proform in the Brazilian Portuguese pronominal system. To solve the problem, I reanalyze these arguments assuming the tripartite pronominal system approach, proposed by Cardinaletti and Starke (1999). According to this perspective, the evidence presented by the authors in favor of the cliticization of cê only shows that cê is not a strong pronoun. Cê is rather shown to be a weak pronoun, which explains its contrast with ocê and você, proforms that have both weak and strong counterparts.

KEY-WORDS: proforms, clitics, weak pronouns, strong pronouns.

* Agradeço a Jairo Nunes pela orientação prestada no decorrer desta pesquisa e da elaboração deste artigo, por toda a dedicação dada e pelos comentários valiosos que tornaram possível a concretização deste trabalho. Agradeço também pelos comentários feitos por Rodrigo Garcia e Alessandro Xavier. A pesquisa que deu origem a este artigo integra o projeto temático junto à FAPESP sob o número 2006/00965-2

1. Introdução

O português brasileiro atual dispõe dos pronomes pessoais de segunda pessoa *cê*, *ocê* e *você*, que se originam da forma de tratamento *Vossa Mercê*. Para tratar da diferente distribuição destas formas, Vitral (1996) (vejam-se também Ramos (1997) e Paredes Silva (1998)) propôs que *cê* é um clítico. Este fato explicaria a agramaticalidade gerada pelo emprego da proforma *cê* nos exemplos em (1), já que um clítico é átono e por isso não pode receber foco ou ênfase, como em (1a) e (1b), nem receber a entonação que caracteriza a construção de topicalização, como em (1c). A atonicidade de *cê* também impediria que fosse usado como resposta a uma pergunta, como em (1d):

Vitral (1996):

- | | |
|--|----------------------|
| (1) a. Só <i>*cê/ ocê/ você</i> tava mentindo. | (com ênfase ou foco) |
| b. Até <i>*cê/ ocê/ você</i> podia subir. | (com ênfase ou foco) |
| c. <i>*Cê/ Ocê/ Você</i> ele não viu. | (em tópico) |
| d. Quem vai sair? <i>*Cê. / Ocê. / Você.</i> | (em isolamento) |

Partindo da noção de gramaticalização (veja-se Hopper e Traugott (1993)), Vitral (1996) propõe que, dentro do processo de evolução da forma de tratamento *Vossa Mercê*, o item *cê* está na etapa da cliticização, como esquematizado abaixo:

Vossa mercê (item com significado lexical) > *Vosmecê* > *Você* (item gramatical) > *ocê* > *Cê* (clítico)

No presente trabalho, irei (i) apresentar contra-argumentos para a proposta de que *cê* é um clítico, examinando as explicações oferecidas pelos autores referidos e apontando os seus problemas; (ii) propor uma análise alternativa das restrições percebidas pelos autores em função da distinção tripartida entre formas fortes, fracas e clíticas, como proposto por Cardinaletti e Starke (1999), argumentando que *cê* é na verdade um pronome fraco; e (iii) classificar as proformas *ocê* e *você* de acordo com a teoria de Cardinaletti e Starke (1999).

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentarei as justificativas da proposta de Vitral e Ramos em considerar *cê* um clítico e levantarei os problemas que existem na análise. Na seção 3, apresentarei a teoria de Cardinaletti e Starke (1999), levantando os pontos mais rele-

vantes para a discussão feita no artigo e em seguida mostrarei que os problemas apontados na seção 2 podem ser resolvidos se assumirmos a classificação da proforma *cê* como um pronome fraco, de acordo com modelo tripartido do sistema pronominal. Na seção 4, tratarei das classificações das proformas *ocê* e *você* e na seção 5 farei um breve resumo do artigo.

2. Proposta Anterior

As sentenças em (1) trazem evidências de uma distribuição distinta entre *cê* de um lado e *ocê/ você* de outro e foram usadas por Vitral (1996) para argumentar que *cê* fosse um clítico. A sua argumentação tinha como pressuposto a bipartição tradicional dos pronomes entre clíticos e fortes. Seguindo esta análise, *cê*, em sua condição de clítico, é um pronome átono, o que impede a sua boa-formação nas construções que aparecem em (1).

Vital (1996) adiciona também outras evidências para validar sua hipótese. Para explicar a inaceitabilidade das sentenças em (2) abaixo (Vital 1996:120), o autor admite que, devido à impossibilidade da ênclise na gramática do português brasileiro falado, a proforma *cê* enquanto um clítico não pode permanecer enclítica ao verbo. De acordo com a análise, se clíticos no PB são proclíticos ao verbo, é esperado que *cê* se comporte a mesma maneira. As sentenças em (2), por violarem este requerimento, são corretamente excluídas.

- (2) a. *Eu vi *cê*.
b. *Aí chega *cê* pra mim ontem e diz...

Para confirmar a validade do seu argumento, Vitral procura mostrar que não é simplesmente a seqüência **V + Cê** que não pode ocorrer no PB falado, mas é a impossibilidade da ênclise que leva à agramaticalidade das sentenças em (2). Ele traz a sentença (3) abaixo, com a avaliação de bem-formada. Nela, a proforma *cê* está após o verbo (**V + Cê**). Como é defendido pelo autor, o clítico *cê* estaria em uma relação de predicação que possibilitaria o seu posicionamento pós-verbal sem que haja uma violação da obrigatoriedade da próclise¹.

- (3) Eu vou fazer *cê* feliz.

1. Vitral (1996: 120) não explicita a análise que dá à estrutura da sentença em (3) para justificar sua afirmação de que nela não ocorre um processo de ênclise.

Em primeiro lugar, convém apontar que a sentença em (3) não é aceitável para todos os falantes. Para aqueles que a consideram bem-formada, parece se tratar de uma exceção. A imperfeição de outras sentenças semelhantes parece deixar claro que há em (3) um licenciamento atípico. Ou seja, em outras construções do mesmo tipo que (3), como as que seguem em (4) abaixo, a posição específica ocupada por *cê* não comporta este pronome, já que as sentenças são inaceitáveis. Em contraste, note as sentenças gramaticais em (5), ao substituírmos o *cê* por *ocê* ou *você*.

- (4) a. *Pretendo fazer *cê* alegre.
 b. *Vou tornar *cê* um bom jornalista.
- (5) a. Pretendo fazer *ocê/ você* alegre
 b. Vou tornar *ocê/ você* um bom jornalista.

Os dados acima são evidências, portanto, de que a argumentação feita por Vitral (1996) em torno do exemplo (3) não procede. Além disso, duas previsões incorretas são suscitadas a partir destas considerações. Em primeiro lugar, se em (3) a posição da proforma *cê* na sentença não viola a obrigatoriedade da próclise, como Vitral (1996) propõe, conseqüentemente, pode-se acreditar que esta seja uma posição adequada também para outros clíticos. No entanto, ao substituir *cê* pelo clítico *te* nesta construção, percebemos que as duas proformas se comportam de maneira distinta. O clítico *te* pode permanecer unicamente em próclise ao verbo *fazer*, como vemos em (6a) e (6b) abaixo. Em (6c), notamos que, ao contrário, a proforma *cê* não pode se manter nesta mesma posição.

- (6) a. *Eu vou fazer *te* feliz.
 b. Eu vou *te* fazer feliz.
 c. *Eu vou *cê* fazer feliz.

Utilizando propriedades dos clíticos no PB, a hipótese de Vitral (1996) também prevê que sentenças como (7) abaixo, com próclise da proforma *cê* ao verbo *vi*, deveriam ser perfeitas, mas são categoricamente rejeitadas pelos falantes. Vitral (1996) nota este problema e sugere que deve haver uma concorrência com estruturas com o clítico *te*, como em (8), que são ainda produtivas em PB, e que isso pode impedir o uso da estrutura em (7).

- (7) *Eu *cê* vi.
 (8) Eu *te* vi.

Ainda em relação a propriedades de colocação de clíticos nas sentenças, é interessante considerar as locuções verbais. Como aponta Galves (2001:133):

“Além de seu caráter essencialmente proclítico, o PB apresenta ainda outra particularidade em relação ao PE: nas locuções verbais compostas por um auxiliar seguido de um particípio ou de um gerúndio, ou por um verbo modal seguido de um infinitivo, o pronome *se* liga, em próclise, ao verbo principal (temático).”

Assim, se *cê* fosse um clítico, seria esperado que *cê* se comportasse como os demais clíticos, e que se mantivesse em próclise com os verbos temáticos das sentenças. Mas não é o que ocorre. Como vemos no paradigma em (9), a proforma *cê* só pode ocorrer proclítica ao verbo auxiliar (9a), enquanto que o clítico *me*, por exemplo, não é permitido nesta mesma posição (9b). *Me*, como previsto enquanto uma forma clítica, deve se manter proclítico ao verbo principal, como vemos em (9c), posição que, quando preenchida por *cê*, cria uma estrutura mal-formada, como temos em (9d).

- (9) a. *Cê* tinha cantado muito bem.
 b. **Me* tinham visto.
 c. Tinham *me* visto.
 d. *Tinha *cê* cantado muito bem.

Novamente, em (9) *cê* não exhibe a mesma distribuição que os clíticos do PB. Portanto, parece que analisar *cê* como um clítico implica admitir um comportamento bastante idiossincrático desta proforma.

Partindo para outro ponto, Vitral (1996) e Ramos (1997) também sinalizam uma aproximação entre *cê* e o clítico nominativo *se*. Assim, ambos os clíticos estariam sendo usados como marcadores de indeterminação do sujeito de sentenças como em (10).

- (10) a. O que que *se* procura fazer nestes momentos?
 b. O que que *cê* procura fazer nestes momentos?

Ramos (1997) considera haver um tipo de “especialização” da forma *cê*, devido à sua tendência em aparecer nestas construções indeterminadas, satisfazendo a característica do PB de ter o sujeito das sentenças foneticamente realizado (cf. Vitral (1996: 121)). Esses fatos, no entanto, não compro-

vam o estatuto de clítico de *cê*. Deve-se pontuar que este tipo de construção com um sujeito genérico/arbitrário pode ser conseguido, sem prejuízo quanto ao grau de arbitrariedade das sentenças, com as formas *ocê* e *você*, como é exemplificado em (11):

- (11) a. O que que *ocê* procura fazer nestes momentos?
 b. O que que *você* procura fazer nestes momentos?

Além disso, podemos perceber que o emprego de *cê* pressupõe posições distintas das do emprego de *se*, quando em construções negativas. *Se* permanece adjacente ao verbo, enquanto *cê* antecede a negação (assim como as proformas *ocê* e *você*):

- (12) a. Não *se* pode confiar em despertadores.
 b. **Se* não pode confiar em despertadores.
 c. *Cê* não pode confiar em despertadores.
 d. *Não *cê* pode confiar em despertadores.

Para finalizar esta seção, examinarei alguns pontos abordados por Ramos (1997). A autora promove uma análise variacionista entre as proformas *cê*, *ocê* e *você* e conclui que a hipótese de cliticização de *cê* feita por Vitral (1996) se mostra adequada. A autora argumenta que o *cê* é favorecido em alguns contextos. O favorecimento ocorre exatamente em configurações nas quais um clítico seria possível e preferido enquanto ao seu uso/escolha. Uma delas é a construção de interrogativas *que que*, como a do exemplo em (10b), repetido em (13) abaixo, em que o caráter clítico de *cê* favoreceria o seu uso quando em sentenças com o COMP duplamente preenchido².

- (13) O que que *cê* procura fazer nestes momentos?

A posição sintática contígua ao verbo também seria um destes contextos, já que a ordem [clítico – item lexical – verbo] não é produtiva no PB (cf. Galves (1993, 2001), Pagotto (1993)). Ramos (1997) nota que, apesar de favorecido em contexto de contigüidade ao verbo, como em (14a), *cê* pode não respeitar esta configuração, como vemos em (14b):

- (14) a. *Cê* acha que eu estou brincando?
 b. *Cê* já quer ir embora?

2. Ramos (1997: 52) não oferece uma explicação do motivo pelo qual considera que este contexto particular, de alguma forma, deveria favorecer o uso de um clítico.

Apesar de a autora considerar que seus resultados quantitativos³ reforçam a hipótese da cliticização, os dados, na verdade, não comprovam o estatuto de clítico para a proforma *cê*. Os contextos apontados não excluem a possibilidade de se tratar de outro tipo de pronome. Como podemos verificar em (15), as posições ocupadas por *cê* podem ser ocupadas por proformas não clíticas ou também por DPs:

- (15) a. O que que *você/ ele/ o João* procura fazer nestes momentos?
 b. *Você/ ele/ o João* acha que eu estou brincando?

Até aqui, pudemos constatar que *cê* apresenta um comportamento muito distinto dos demais clíticos do PB. A sua distribuição em comparação com os clíticos é qualitativamente diferente, o que parece separá-lo desta classe de pronomes. Vimos que *cê* diferencia-se também dos demais pronomes, *ocê* e *você*, pois as posições sintáticas em que pode aparecer são mais restritas. Estas evidências indicam que este item lexical possui uma natureza distinta destes dois grupos de pronomes. Foi com base neste tipo de ocorrência que Cardinaletti e Starke (1999) propuseram a existência de um sistema pronominal dividido em três classes subjacentes. Sintetizarei a proposta dos autores na primeira parte da seção que segue.

3. Reanálise dos Dados

3.1. Pressupostos Teóricos: A Tripartição do Sistema Pronominal

Cardinaletti e Starke (1999), tomando por base estudos comparativos feitos dentro do quadro da teoria de Princípios e Parâmetros acerca do sistema pronominal das línguas naturais, observaram que propriedades exibidas pelas proformas as separavam em três séries, com características fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas distintas. Propuseram um modelo tripartido do sistema pronominal, dividido em proformas fortes, fracas e clíticas, que respondesse às características apresentadas por cada série de pronomes e que pudesse melhor descrevê-las.

3. No seu *corpus*, Ramos (1997) obteve um total de 7,6% de casos de não contigüidade entre *cê* e verbo. Considerou este número marginal e manteve a leitura de que o favorecimento do contexto [cê - V], 84,4% dos casos, reforça o estatuto clítico da proforma.

A análise aponta para a existência de dois níveis de deficiência, hierarquicamente organizados como segue:

Clíticos < Fracos < Fortes

Os pronomes fracos são deficientes em relação aos pronomes fortes; os clíticos são deficientes em relação aos pronomes fracos. Cada classe compartilha a propriedade de deficiência da sua classe superior e acrescenta novas deficiências.

Os autores estabelecem as seguintes generalizações empíricas que permitem distinguir entre as classes de pronomes. Sintaticamente, os pronomes deficientes (fracos e clíticos) devem ocorrer em uma posição especial derivada, não podendo ocorrer em posição temática; não podem aparecer em posições periféricas, como deslocamento, isolamento, clivagem, etc; não podem ser coordenados ou c-modificados (entende-se c-modificação por modificação de todo o DP)⁴.

(16) Posição- θ : Italiano (Cardinaletti & Starke 1999)

a. {*Essa*_D; *Lei*_S; *Maria*} forse l'há fatto da sola.
 {it_D; she_S; Mary} maybe it-has done DA alone.

b. Forse l'há fatto {**essa*_D; *lei*_S; *Maria*} da sola.
 maybe it-has done {(3,sg,f)_D; (3,sg,f)_S; Maria} DA alone.

Em (16a), o pronome deficiente, assim como um DP pleno *Maria* e um pronome forte, pode ocorrer em posição derivada de sujeito. Porém, em (16b), em que o sujeito é realizado em sua posição temática, somente o pronome forte ou o DP pleno é possível.

Vejamos abaixo exemplos das outras assimetrias sintáticas:

(17) C-Modificação: Italiano (Cardinaletti & Starke 1999)

Anche/Solo {**Essa*_D; *Lei*_S; *Maria*} è bella
 Also/only {it_D; she_S; Mary} is pretty

(18) Deslocamento para a esquerda: Italiano (Cardinaletti & Starke 1999)

{**Essa*_D; *Lei*_S; *Maria*}, lei è bella.
 {it_D; she_S; Mary}, she/it is pretty

4. Os índices D e S correspondem a "deficient" e "strong", traduzidos em português respectivamente por "deficiente" e "forte".

(19) Clivagem: Italiano (Cardinaletti & Starke 1999)

E' { **Essa*_D; *Lei*_S; *Maria* } che è bella.
it is { *it*_D; *she*_S; *Mary* } that is pretty

(20) Isolamento: Italiano (Cardinaletti & Starke 1999)

Chi è bella? { **Essa*_D; *Lei*_S; *Maria* }
Who is pretty? { *it*_D; *she*_S; *Mary* }

Como vemos em (17), pronomes fracos não podem ser c-modificados. Em (18), numa construção de deslocamento à esquerda, como a topicalização, apenas um pronome forte é licenciado. A mesma coisa ocorre em construções de clivagem (19) e isolamento (20). Estas e todas as outras assimetrias apresentadas por Cardinaletti e Starke (1999), por se mostrarem constantes nas línguas naturais, levaram os autores a postularem as três classes pronominais.

Uma das evidências fundamentais que motivou a distinção entre os pronomes fortes e deficientes diz respeito a sua interpretação semântica. Pronomes fortes e deficientes, quando comparados em construções de ordenação, mostram resultados de referência bastante curiosos:

(21) Italiano: (Cardinaletti & Starke 1999)

		humano	
		<+>	<->
a. <i>Esse</i>	(*e quelle accanto) sono troppo alte.	ok	ok
b. <i>Loro</i>	(e quelle accanto) sono troppo alte.	ok	*
3PL,FEM,NOM	(and those besides) are too tall/high		

(22) Hebraico (Cardinaletti & Starke 1999)

				humano	
				<+>	<->
a. <i>Hi</i>			gvoha.	ok	ok
b. <i>Hi</i>	ve-zot	le-yad-a	gvohot.	ok	*
she	and-that.one	to-side-her	tall/big		

Um grupo de pronomes pode ser coordenado, os pronomes fortes, mas deve ter um referente humano. O segundo grupo de pronomes, os pronomes deficientes, não pode ser coordenado e pode ter uma referência humana ou não humana. Note-se que no Italiano, as duas classes de pronomes são morfologicamente distintas, *esse* (deficiente; fraco) e *loro* (forte).

Já no hebraico, as duas classes de pronome podem ser distinguidas quando coordenadas, porém são foneticamente não distintas.

Para resumir o que está em jogo na interpretação semântica, os autores chegam à conclusão de que pronomes fortes precisam sempre ter uma restrição em relação à sua referencialidade, devem ter um escopo (*range*). Na falta de um, seu escopo *default* é [+humano]. Os pronomes deficientes são incapazes de carregar uma restrição de escopo própria, por isso podem e devem ser anafóricos, expletivos, impessoais ou dativos não-referenciais.

Para identificar uma entre as duas classes de pronomes deficientes, Cardinaletti e Starke (1999) mostram que a categoria sintática destes elementos difere: enquanto os clíticos são cabeças de uma cadeia X^0 , os pronomes fracos são analisados como sintagmas nominais, categorias sintáticas do tipo XP. Neste ponto, os contrastes apresentados por Kayne (1975), Rizzi (1986) e Brandi e Cordin (1989) contribuíram para a motivação da proposta de Cardinaletti e Starke (1999). Os pronomes sujeitos do francês e dos dialetos do norte da Itália (DNI) possuem certas propriedades em comum, como a impossibilidade de serem modificados, receberem foco ou serem coordenados, como vemos abaixo em (23)⁵.

Cardinaletti e Starke (1999)

- | | |
|---|------------|
| (23) a. * <i>La</i> e la Maria è vegnude algeri | (Trentino) |
| she and the Mary are come yesterday | |
| b. * <i>Il</i> et son frère ont accepté? | (Francês) |
| he and his brother have agreed | |

Apesar disso, ao compararem as posições sintáticas destes pronomes, Rizzi (1986) e Brandi e Cordin (1989) observaram que havia diferenças consideráveis entre eles. Para ilustrar, note que em (24a) abaixo, o clítico sujeito dos DNI obrigatoriamente aparece nas sentenças, mesmo que estas já possuam a posição de sujeito preenchida por um DP. O francês, por outro lado, não admite este tipo de construção (24b)⁶:

5. Estas semelhanças estão relacionadas com o estatuto de proformas deficientes, em oposição às fortes, como já discutido nesta seção. Para mais detalhes, ver Cardinaletti e Starke (1999).

6. Tratarei, ao longo do artigo, sobre as propriedades discutidas por estes autores que se fizerem mais relevantes para a presente discussão.

- Brandi e Cordin (1989)
- (24) a. La Maria *la* parla (Trentino)
 The Mary she speaks
 Mary speaks
- b. *Jean *il* parle (Francês)
 Jean he speaks
 Jean speaks

Rizzi (1986) e Brandi e Cordin (1989), em suas análises, chegam à conclusão que as diferentes distribuições existem devido a diferentes posições sintáticas que cada pronome ocupa. No francês, os chamados de clíticos sujeitos ocupam a posição de sujeito sintático da sentença, se comportam como um XP em [Spec, AGRP]. Já os clíticos sujeitos dos diletos italianos em questão se comportam como um núcleo de uma categoria funcional de AGR, que, quando sem sujeito explícito, licencia um *pro* na posição de sujeito sintático da sentença (ou outro DP qualquer).

Dentro da análise de Cardinaletti e Starke (1999), esse contraste entre as proformas separa um pronome fraco, *il* do francês, de um verdadeiro clítico, *la* do trentino, já que na perspectiva da tripartição, o estatuto das diferentes projeções é fundamental para distinguir entre clíticos e pronomes fracos. Os exemplos em (25) mostram que a posição inicial de construções V2 em línguas germânicas, em que somente sintagmas plenos (XP) podem aparecer, é compatível com pronomes fracos (25b), mas nunca com clíticos (25a):

- (25) Olang-Tirolese (Cardinaletti & Starke 1999)
- a. *S isch toire.
- b. Es isch toire.
- (3,sg,n) is expensive

Na próxima seção, serão apresentadas algumas das diferentes propriedades que as construções com clíticos e pronomes fracos exibem, de modo a podermos comparar *cê* com as duas classes de pronomes.

3.2. Estatuto de *Cê* na Tripartição Pronominal

Os exemplos dados em (1) são aqui retomados em (26).

(Vital 1996):

- (26) a. **Cê/ Ocê/ Você* ele não viu. (Topicalização)
 b. Só **cê/ ocê/ você* tava mentindo. (C-Modificação)
 c. Até **cê/ ocê/ você* podia subir. (C-Modificação)
 d. Quem vai sair? **Cê. / Ocê. / Você.* (Isolamento)

De acordo com a análise feita por Cardinaletti e Starke (1999), estes são ambientes em que apenas pronomes fortes podem aparecer. Os autores mostram que pronomes deficientes (incluindo tanto pronomes fracos quanto clíticos) não podem ser c-modificados, ou seja, não podem sofrer uma modificação de todo o DP, não podem ser topicalizados nem isolados, visto que possuem uma deficiência estrutural que os impede de sê-lo. Em (27), elenco mais alguns contextos em que um pronome deficiente não é permitido:

- (27) a. O João e **cê/ ocê/ você* foram no cinema ontem? (Coordenação)
 b. A Maria disse que **cê/ ocê/ você* e eles adoraram a festa. (Coord.)
 c. Eu não sou apressada. É **cê/ ocê/ você* que é muito lento. (Clivagem)

Como vemos em (26) e também em (27), as condições que exigem necessariamente um pronome forte, como coordenação e clivagem, só são bem formadas com os pronomes *ocê* e *você*, nunca com *cê*. Assim, a motivação que levou Vital (1996) a postular que o pronome *cê* fosse um clítico, dentro do modelo de tripartição, passa a indicar, na verdade, que não se pode tratar *cê* como um pronome forte. Ele é deficiente. Deve-se agora procurar evidências para identificar que nível de deficiência *cê* exhibe. Para tal, será necessário encontrar as propriedades relevantes que distinguem clíticos dos demais pronomes.

Um primeiro ponto que se pode ressaltar, notado por Kayne (1975) e depois retomado no estudo de Poletto (2000), está ligado ao comportamento especial dos clíticos em construções de coordenação de VP. Os dados indicam que os chamados naquela época de “clíticos sujeitos” do francês, que são posteriormente reanalisados, no modelo tripartido, como pronomes fracos, tomam posição nestas estruturas de sujeito “compartilhado”, em oposição ao que ocorre com os clíticos objetos desta mesma língua, estes sim clíticos também nos termos de Cardinaletti e Starke (1999). Na sentença em francês em (28a), por exemplo, temos uma construção com o

pronome sujeito fraco *il*, que pode ser omitido no segundo VP coordenado. Já em (28b), o clítico objeto *les* precisa ser repetido no segundo VP)⁷.

(28) Francês (Kayne 1975):

- a. *Il* mangera de la viande et — boira du bon vin.
 He will-eat some drink and will-drink some good wine
 ‘He will eat some meat and drink some good wine’
- b. *Paul *les* lit très vit et — relit soigneusement par la suite
 Paul them reads very rapidly and rereads carefully immediately afterward
 ‘Paul reads them very rapidly and rereads them carefully’

Também Poletto (2000), ao tratar das posições dos sujeitos clíticos nos dialetos do norte da Itália, atestou a necessidade da repetição do pronome clítico na segunda coordenação do VP. Nestas línguas, com exceção daquelas que dispõem de um paradigma de clíticos invariáveis⁸, uma construção de coordenação de VP sem repetição do clítico na segunda sentença nunca é bem formada (29):

(29) Cervignano (Poletto 2000)

- a. *I* cianti cun te e *i* bali cun lui.
 b. **I* cianti cun te e — bali cun lui.
 SC dance with you and SC dance with him.

7. Ainda no francês, é interessante notar que em uma construção com *-il* interrogativo, como em (i) abaixo, é exigida a repetição do pronome no segundo VP coordenado, paralelamente ao que acontece com os clíticos objeto desta língua. Crucialmente, a forma *-il* das sentenças interrogativas são analisadas como clíticas, nos termos de Cardinaletti e Starke (1999), em contraste com o pronome sujeito fraco *il* visto acima em (28a).

(i) Francês (Cardinaletti & Starke 1999):

- *Aime-t-*il* les choux mais — ne les mange que cuits?
 he likes the cauliflowers but not them eats other-than cooked

Para mais detalhes sobre o fenômeno da inversão complexa do francês como em (i) acima, vejam-se Cardinaletti e Starke (1999: 167, 169), Brandi e Cordin (1989: 132-136), Kayne (1983) e Kayne e Pollock (2001).

8. Poletto (2000) investiga a distribuição do paradigma de clíticos sujeitos com dados de mais de 100 dialetos italianos. Através de uma análise comparativa de microvariação, a autora postula domínios sintáticos minimamente distintos para cada uma das quatro classes morfológicas de sujeitos clíticos que identifica: clíticos invariáveis, dêiticos, de número e de pessoa. Neste trabalho, desconsidere os dados que envolvem os clíticos invariáveis, já que possuem propriedades bastante peculiares que os distanciam dos demais clíticos dos DNI e das línguas que estou tratando, como o PB e o francês.

Como podemos observar no exemplo (30) abaixo, a sentença é perfeita em PB, com o uso do *cê*. Neste primeiro diagnóstico, *cê* afasta-se do padrão de comportamento dos clíticos, já que como clítico sujeito, seria esperado que, para a sentença em (30) ser gramatical, obrigatoriamente houvesse a repetição deste pronome no segundo VP coordenado. Por outro lado, mantém-se compatível com o comportamento de um pronome fraco, como é o caso do *ll* do francês.

(30) *Cê* come bolo e bebe refrigerante todo dia.

Foi notado por Brandi e Cordin (1989) e abordado no estudo de Poletto (2000) uma outra propriedade dos DNI: o clítico sujeito deve permanecer adjacente ao verbo. O exemplo do fiorentino em (31) abaixo evidencia que os clíticos sujeitos nestas línguas não podem estar separados do verbo por nenhum material lexical.

(31) Fiorentino (Brandi & Cordin 1989)
 a. **La* ieri ha cantato a Milano.
 She yesterday has sung in Milan

Somente outros clíticos podem intervir entre verbo e clítico sujeito. A combinação de clíticos de diferentes funções sintáticas cria uma ordem rígida entre eles, os *clitic clusters*. Os exemplos em (32) abaixo do trentino mostram que a quebra da ordem permitida em (32a) leva à agramaticalidade da sentença em (32b).

(32) Trentino (Brandi & Cordin 1989):
 a. *No te ghe* l'hai dit
 not you to-him it have said
 b. **Tè no ghe* l'hai dit
 you not to-him it have said

A impossibilidade de se separar o clítico do verbo é também uma propriedade do PB atual. Abaixo, temos em (33) a repetição dos exemplos dados em (12) com o clítico *se* e exemplos com o clítico *te* em (34). Podemos notar que eles não podem tomar outra posição que não a de próclise verbal.

(33) a. Não *se* pode confiar em despertadores.
 b. **Se* não pode confiar em despertadores.

(34) a. Nunca *te* mandarei o recado.
 b. **Te* nunca mandarei o recado.

O uso do *cê*, pelo contrario, não está sujeito a esta restrição. Como vemos em (35), diferentes itens lexicais podem figurar entre esta proforma e o verbo sem que isso provoque agramaticalidade:

- (35) b. *Cê* nunca quis ir.
 c. *Cê* mesmo me disse que achava isso errado.
 d. *Cê* praticamente não consegue fazer nada certo.

Os dados em (35) trazem evidências contra a hipótese da cliticização de *cê*, visto que deveriam conter efeitos de agramaticalidade em virtude da violação de uma propriedade que envolve os clíticos nominativos em línguas que os possuem (DNI) e os clíticos do PB em geral. Novamente, *cê* mostra ter uma condição diversa da condição de um clítico. Por ter sido diagnosticado como proforma deficiente, a classe que acomoda as suas particularidades é a de pronomes fracos.

De fato, podemos comparar as construções de topicalização de línguas com clítico sujeito (DNI) e pronomes fracos (francês), e notaremos que *cê* do PB atua equiparadamente às proformas fracas neste sentido. Vejamos o paralelismo dos exemplos abaixo do português brasileiro e do francês:

(36) Você, *cê* ri de todo mundo.

(37) Francês (Brandi & Cordin1989)

- a. Jean, *il* parle.
 b. Moi, *je* parle.

O deslocamento à esquerda é marcado por uma entonação característica. No PB e no francês, é o pronome fraco (*cê*, *il*, *je*) que dobra o sintagma topicalizado, que está antes da vírgula. Já em fiorentino, além da entonação especial, o clítico *e* é usado como marcador de tópico. O clítico sujeito *la* aparece em seguida na sentença, como temos em (38) abaixo⁹:

(38) Fiorentino (Brandi & Cordin1989)

- La Maria, *e* *la* parla troppo.
 As for Mary, CMT she speaks too much

9. CMT é a sigla para Clítico Marcador de Tópico.

Agora compare os dados acima que mostram topicalizações com as sentenças em (39) em seguida, que não envolvem este fenômeno. Em muitos dos DNI, os clíticos sujeitos são obrigatórios para a boa formação das sentenças, mesmo na presença de um DP pleno na posição de sujeito.

- (39) Brandi e Cordin (1989)
- | | | | | | |
|----|---------|--------------|----------------|------------------------|-------------|
| a. | La | Maria | *(<i>la</i>) | parla. | Trentino |
| | The | Mary | she | speaks | |
| | | | | 'Mary speaks' | |
| b. | Nessuno | <i>g</i> 'ha | detto | nulla. | Fiorentinno |
| | Nobody | he | said | anything | |
| | | | | 'nobody said anything' | |

Em (39a), temos uma seqüência que revela a existência de um sujeito lexical acompanhado de um clítico. Esta seqüência não envolve topicalização. Como argumentam Rizzi (1986) e Brandi e Cordin (1989), uma primeira evidência é que ela não possui um contorno entonacional típico de deslocamento à esquerda. Além disto, como foi mostrado em (38), esta língua possui uma outra estrutura específica para marcar a topicalização. Levando em conta que na sentença apresentada em (39b), o sintagma *Nessuno* não pode estar em posição de tópico, visto que um sintagma quantificado não pode sofrer deslocamento à esquerda (cf. Rizzi (1986)), podemos concluir que *Nessuno* deve estar na posição de sujeito sintático. Portanto, dialetos italianos que dispõem de um paradigma de clíticos sujeitos permitem que um DP os preceda e preencha a posição de sujeito da sentença. Compare agora os dados em (39) com o contraste de gramaticalidade apresentado nas sentenças do francês abaixo em (40):

- (40) Francês (Brandi & Cordin (1989))
- | | | | | | |
|----|-----------|-----------|---------|-----------------------|------|
| a. | *Personne | <i>il</i> | n'a | rien | dit. |
| b. | Personne | | n'a | rien | dit. |
| | Noone | he | not has | anything said | |
| | | | | 'Noone said anything' | |

Estes exemplos mostram que *il* não pode co-ocorrer com o DP *personne*. *Il* é um pronome fraco. Vemos, portanto, que só clíticos podem co-ocorrer com DPs sujeitos.

Note que *cê* não é compatível com construções do tipo de (39), paralelamente ao ocorre com os pronomes fracos do francês. Como foi mostrado

em (36), *cê* pode aparecer junto a outro constituinte nominal apenas quando este sofre deslocamento à esquerda, o que está de acordo com sua condição de proforma fraca.

Essa assimetria entre os pronomes sujeitos dos DNI e do francês revela o comportamento de duas classes distintas de proformas: respectivamente, as clíticas e as fracas. Esta é a análise assumida na teoria de Cardinaletti e Starke (1999), já que, crucialmente, pela categoria superficial assumida pelos elementos eles podem ser distinguidos entre clítico, com *status* de núcleo de uma projeção funcional, e pronome fraco, com *status* de projeção máxima.¹⁰

Abordaremos agora duas estruturas do PB que permitem diferenciar-mos os pronomes fracos dos clíticos. A partir dos contrastes mostrados no trabalho de Ferreira (2000, 2004) sobre hiperalçamento de sujeito no PB, adicionamos mais uma evidência que corrobora a hipótese de se considerar *cê* um pronome fraco. Ferreira (2000, 2004) argumenta a favor da análise de hiperalçamento do DP *a Maria* na construção em (41) abaixo.

(41) A Maria parece que está cansada.

Como uma de suas evidências, Ferreira (2000, 2004) mostra que elementos que não podem sofrer topicalização, como sintagmas quantificados e pronomes fracos, podem sofrer hiperalçamento nestas construções. Desta maneira, Ferreira (2000, 2004) consegue diferenciar a posição de sujeito deslocado ocupada pelo pronome *Cê* em (42) abaixo da posição de tópico, como em (43), explicando assim o contraste entre a aceitabilidade das duas sentenças.

(42) *Cê* parece que não quer sair.

(43) **Cê*, o João me contou que não quer sair.

10. Ramos (1997), ao notar características específicas de *cê* que o opunha aos demais clíticos do PB, como a sua possibilidade de manter-se distante do verbo, propõe uma análise de *cê* como os "clíticos" do Francês, que ocupam a posição de especificador de FLEX, adotando o quadro teórico de Kayne (1983) e Rizzi (1986). A proposta de Rizzi (1986) considera que a cliticização do pronome pode ser puramente fonológica, que é o que aconteceria com o pronome sujeito do Francês. Isso significa dizer que os clíticos não constituem uma classe sintática única, não estando obrigatoriamente em posição de núcleo. Reforçamos aqui que, de acordo com a tripartição pronominal, quadro teórico assumido neste artigo, os pronomes *il*, *je* do Francês são analisados como pronomes fracos.

Tópicos marcados, como já foi discutido anteriormente, não são compatíveis com pronomes fracos. Como observado por Martins e Nunes (2006), as sentenças em (44) abaixo permitem reconhecer entre as versões homófonas forte e fraca do pronome *ele*. A possibilidade da interpretação do pronome *ele* como ‘um livro’, elemento com o traço [-humano], mostra que este pronome é necessariamente fraco, visto que os pronomes fortes só podem se referir a entidades com o traço [+humano], nos termos de Cardinaletti e Starke (1999). Assim, o pronome topicalizado *Ele* em (44a) é um pronome forte, já que só permite ter referência humana. Já em (44b), quando *Ele* está numa posição de hiperalçamento, a interpretação deste pronome como ‘um livro’ indica que este é fraco.

- (44) a. *Ele*, João disse que caiu. ('Paulo'; * 'o livro')
 b. *Ele* parece que caiu. ('Paulo'; 'o livro')

De acordo com esta análise feita por Ferreira (2000, 2004) e confirmada com os dados de Martins e Nunes (2006), um pronome fraco é licenciado na posição de hiperalçamento de sujeito. Em (45) abaixo, vemos que esta mesma construção é incompatível com clíticos. Desta forma, se *cê* fosse de fato um clítico, deveríamos esperar que a sentença (42), repetida abaixo em (46), não fosse bem formada, ao contrário do resultado obtido.

- (45) a. Parece que *se* fala muito bem inglês naquela escola de idiomas.
 b. **Se* parece que fala muito bem inglês naquela escola de idiomas.

- (46) *Cê* parece que não quer sair.

Martins e Nunes (2006) e Nunes (2007), a partir das investigações de Ferreira (2000, 2004) e Duarte(2003), discutem ainda uma construção semelhante a do hiperalçamento de sujeito. Trata-se de um caso que aparentemente envolve hiperalçamento de sujeito com resumptivos, mas, na verdade, não há sujeito hiperalçado na estrutura. De acordo com os autores, os pronomes em (47) abaixo estão numa posição de tópico não-marcado, acima de [Spec, TP] e distinta da posição de tópico marcado associado ao sistema do CP. Enquanto pronomes fracos não podem nunca ocupar uma posição de tópico marcado, eles mostram-se compatíveis com estas construções:

Martins e Nunes (2006):

- (47) a. *Ele* parece que *ele* caiu. (Ele = livro)
 b. *Cê* parece que *cê* está doente.

Em (47a), a interpretação do pronome *Ele* como ‘um livro’, elemento com o traço [-humano], mostra que este pronome é necessariamente fraco. Em (47b), conferimos que a proforma *cê* pode ser gerada como tópico não-marcado, como mostram Martins e Nunes (2006). Observe agora o exemplo em (48) abaixo. A inaceitabilidade desta sentença deixa claro que pronomes clíticos não figuram neste ambiente.

- (48) **Se* parece que *se* fala muito bem inglês naquela escola de idiomas.

Ainda explorando esta análise, Nunes (2007) aponta também que, em sentenças como em (49a) abaixo, o pronome fraco *cê* está nesta mesma posição, associada com um tópico não-marcado. A diferença de aceitabilidade para o par em (49) reafirma as considerações feitas nos exemplos acima: o clítico nominativo *se* se mostra incompatível com esta estrutura.

- (49) a. *Cê* que fez isso?
 b. **Se* que fez isso?

Analogamente, numa sentença em que *cê* é um pronome acusativo, obteremos os mesmos efeitos de aceitabilidade: *cê* é licenciado para a posição, como vemos em (50a) abaixo, enquanto o clítico acusativo *te*, por exemplo, não é (50b).

- (50) a. *Cê* que a Maria foi visitar?
 b. **Te* que a Maria foi visitar?

Independentemente se a caracterização feita por Martins e Nunes (2006) e Nunes (2007) da posição ocupada por *cê* nos exemplos (47b), (49a) e (50a) está ou não correta, o ponto relevante para a minha análise é que os contrastes entre (47b) e (48), e (49a) e (49b) mostram que a proforma *cê* não se comporta como o clítico nominativo *se*, presumivelmente o único clítico nominativo do português (Cinque 1988, Raposo & Uriagereka 1996). O contraste entre (50a) e (50b) mostra, em primeiro lugar, que *cê* pode ser acusativo, ao contrário do que conclui Vitral (1996: 120,122). Em segundo lugar, notamos que *cê*, mesmo quando acusativo, não se comporta como clítico.

Acima, foram elencadas duas construções do PB que permitem distinguir o comportamento de pronomes fracos do comportamento dos clíticos: o hiperalçamento e as estruturas de tópico não-marcado. As evidências mostram que *cê* é licenciado nestas construções, assim como os pronomes fracos e contrariamente ao que acontece com os clíticos, visto que o uso destes leva à má formação das sentenças.

3.3. *Cê e Preposições*

Como foi observado por Ramos (1997) e Vitral (1996), de acordo com a análise que assume *cê* como um clítico, pode ser previsto que este pronome não ocorra na posição de complemento de preposição, já que preposições, no português brasileiro, não tomam clíticos como complemento.

Na busca de confirmar a sua hipótese, os autores apresentam dados que admitem a boa formação das sentenças em que ocorre o uso da proforma *ocê* e *você* nesta posição e consideram má formadas as mesmas sentenças quando *cê* é usado.

Vitral (1996)

- (51) a. Eu falei pra *você*
 b. Eu falei pr'*ocê*
 c. *Eu falei pra *cê*

Para retirar a dúvida da existência de casos que envolvem o pronome *cê* com preposições, Ramos (1997) discute a ambigüidade causada por expressões como *com ocê* terem realizações do tipo [kõ'se] (em contraste com a rejeitada forma *com cê* [kõ se]). A autora defende haver um processo de redução, devido ao condicionamento fonológico do contexto, e por isso não admite que *cê* possa ser a forma escolhida em tais ocorrências. De fato, tendo em vista apenas os exemplos em (51) e a realização [kõ'se] comentada por Ramos, seria pertinente concluir que a proforma *cê* não pode estar associada à posição de caso oblíquo, exatamente como acontece com pronomes clíticos átonos, ver contraste em (52) abaixo:

- (52) a. *O João deu isso pra *me*.
 b. O João deu isso pra *mim*.

Os dados abaixo, no entanto, parecem trazer informações novas que nos propõem um reexame da questão:

- (53) a. Eu disse isso *p'cê* ontem
 [p'se]
 b. Quer que eu vá *c'cê* lá
 [k'se]

Considerando que as pronúncias das seqüências *pra cê* e *com cê* sejam exatamente como indicadas acima, sem a realização fonética da vogal [o], vemos que é possível, sim, que a proforma *cê* apareça como complemento de preposição. É necessário enfatizar que isso somente é possível quando há uma reestruturação prosódica na fala. Enquanto que as seqüências [p'ta se] e [kõ se], com pausa entre os dois elementos fonéticos, são rejeitadas para falantes do PB, as seqüências [p'se] e [k'se] são perfeitas. Interessante notar também que não é necessário que os falantes que produzem estas seqüências possuam a variante *ocê* em seus dialetos. Portanto não é óbvio que estas realizações são, de alguma forma, advindas do uso de *ocê*¹¹.

Para verificar a validade desta hipótese, trarei algumas considerações feitas dentro da teoria de Cardinaletti e Starke (1999) a respeito de prosódia e fonologia. Só pronomes deficientes podem formar uma unidade prosódica única com o elemento adjacente. A reestruturação prosódica é uma propriedade tanto dos clíticos quanto dos pronomes fracos e permite que estes sejam submetidos a fenômenos como ligação, contração e redução de fonemas. Assim, analisada como um pronome fraco, não é estranho que a proforma *cê* ocorra ligada prosodicamente às preposições. Por algum motivo, *cê* é apenas licenciado nesta posição quando sofre reestruturação.

Outra propriedade que envolve as proformas deficientes é a capacidade que elas possuem de não serem acentuadas (lexicalmente ou prosodicamente). No entanto, apenas pronomes fracos podem receber acento lexical, um clítico é sempre desacentuado lexicalmente. Os blocos fônicos em (54) acima expressam uma acentuação que incide sobre a realização da proforma *cê*. Como complemento de preposição, lugar canonicamente reservado para as formas oblíquas tônicas, *cê* recebe uma acentuação lexical. Dentro desta visão, no momento em que o pronome fraco *cê* é selecionado para ocu-

11. Os dados das realizações [p'se] e [k'se] foram observados empiricamente por falantes de diferentes dialetos do PB (baiano, mireiro, interior de São Paulo, São Paulo capital e interior do Paraná).

par a posição de pronomes oblíquos tônicos, ele desencadeia um processo de reestruturação prosódica e seu conteúdo fonético recebe acentuação.

Portanto, defender que nos exemplos dados em (54) a proforma escolhida é *cê* está de acordo com os pressupostos da teoria de Cardinalletti e Starke (1999). Sobretudo, esse dado é uma evidência contra a hipótese de que *cê* seja um clítico, já que clíticos são átonos. Esta afirmação também implica assumir que a posição de complemento de preposição no PB pode também ser ocupada por proformas fracas. Em (55) abaixo, a interpretação de *ele* como ‘um carro’ é uma evidência independente de que isso é de fato possível:

- (55) - Qual foi a última vez que você viu meu carro? Não está na garagem...
 - Eu fui com *ele* pra o cinema ontem. (ele = carro)

Para concluir, o comportamento de *cê* neste ponto revela mais uma evidência de que esta proforma não é um clítico. Um clítico não pode ser complemento de preposição no PB, nem receber, em ocasião alguma, acentuação lexical. O padrão apresentado nos exemplos de (54) mostram que *cê* atua de maneira oposta aos clíticos em ambas as questões. Por outro lado, o seu comportamento é totalmente compatível com a sua condição de pronome fraco.

4. Outras Conseqüências: *Ocê* e *Você* como Formas Fracas e Fortes

Até aqui foi possível mostrar que o comportamento que diferencia *cê* das proformas *ocê* e *você* pode ser explicado em termos da distinção tripartida do sistema pronominal: enquanto as proformas *ocê* e *você* são fortes, *cê* é uma proforma fraca, o que desencadeia as restrições e particularidades no seu uso, como foi apresentado ao longo do artigo. Assumindo o modelo teórico de Cardinaletti e Starke (1999), é interessante investigar mais algumas propriedades do microsistema pronominal de segunda pessoa *você/ocê/ cê* para que se possa fazer a classificação definitiva de todos os seus itens.

A tripartição pronominal pressupõe existirem proformas de três diferentes níveis de “força”. Estes níveis estão relacionados à quantidade de

estrutura (fonológica, morfológica, sintática e semântica) que cada classe possui. Quanto mais deficiente é a proforma, menos estrutura ela possui. Em termos empíricos, temos que a proforma *cê* é reduzida morfológicamente em relação aos seus equivalentes fortes *ocê* e *você*. Na sintaxe, a ausência de alguma estrutura leva à impossibilidade de estes serem c-modificados ou coordenados, por exemplo. Cardinaletti e Starke (1999) postularam o princípio Minimizar á para dar conta das propriedades que dizem respeito à escolha das proformas. Segundo esse princípio, sempre que duas formas são inicialmente possíveis, a forma mais deficiente, com menos estrutura, tem preferência sobre a mais forte. Descritivamente, uma forma forte é impossível se uma deficiente está disponível. Mas, assim que uma forma deficiente for impedida, por razões independentes, a proforma forte prevalece.

Vejam os dados do francês:

(56) Fraco (Il) < Forte (Lui) (Cardinaletti & Starke (1999))

- a. *Il* me voit
- b. **Lui* me voit
- c. **Il* aussi me voit
- d. *Lui* aussi me voit
- he also me sees

Em (56a) e (56b), a atuação do princípio Minimizar á determina que a menor estrutura seja a escolhida. O pronome forte *lui*, nesta sentença, induz a introdução de um referente novo no discurso e a interpretação anafórica fica bloqueada. Para que o pronome garanta a co-referência com o seu antecedente no discurso e não induza uma interpretação contrastiva, deve haver necessariamente o uso do pronome fraco *il*. Já em (56c) e (56d), o pronome fraco é barrado devido à introdução de um c-modificador na sentença. Já que, por esse motivo independente, a proforma mais deficiente não pode ser empregada nesta construção, a forma forte novamente é possível em (56d).

Ao considerar o princípio Minimizar á dentro do domínio de escolha das proformas *cê*, *ocê* e *você*, enfrentamos a seguinte questão: como explicar a inexistência de algum tipo de restrição que barre o uso das proformas fortes *ocê* e *você* sempre que o uso da proforma *cê* é possível? Em termos empíricos, deveríamos esperar que, em (57) abaixo, apenas a sentença (57a), com o pronome fraco *cê*, fosse bem-formada.

- (57) a. É verdade que *cê* gosta de macarrão?
 b. É verdade que *ocê*/ *você* gosta de macarrão?

No entanto, vemos que o emprego de qualquer uma das formas é igualmente aceito, sem que haja alteração alguma nas suas interpretações (sem indução de contrastividade, por exemplo).

Para manter a coerência com a teoria de Cardinaletti e Starke (1999), devemos admitir que as proformas *ocê* e *você* são ambíguas: possuem duas formas subjacentes homófonas, uma fraca e outra forte. Este é um fato muito comum. Diversas línguas, entre elas alemão, húngaro, eslavo, hebraico e *gun*¹², possuem paradigmas de proformas fortes e fracas que são idênticas morfológica e foneticamente. Desta maneira, podemos explicar o motivo de não haver violação do princípio Minimizar α . Em contextos que um pronome fraco é licenciado, *cê* concorre com as variedades fracas das proformas *ocê* e *você*, e, por isso, não há preferência entre elas, visto que todas têm o mesmo nível de “força”. Quando, por algum fator independente, a construção só puder acomodar um pronome forte, *cê*, por ser unicamente fraco, é automaticamente excluído enquanto possibilidade. Restam, assim, como candidatos, as variedades fortes de *ocê* e *você*.

5. Conclusão

Assumindo o modelo tripartido proposto por Cardinaletti e Starke (1999), pudemos reexaminar a proposta de Vitral (1996) e Ramos (1997) de que *cê* seja um clítico e concluir que os argumentos apresentados pelos autores, na verdade, mostram que *cê* não é um pronome forte. Através dos diagnósticos previstos na teoria da tripartição e através também da comparação do comportamento de *cê* e dos demais clíticos do português brasileiro e de outras línguas, pôde-se chegar à conclusão de que *cê* é um pronome fraco, não um clítico. Pôde-se ainda determinar que as proformas *ocê* e *você* possuem duas formas subjacentes homófonas, uma fraca e uma forte.

Temos, assim, como um esquema final:

Pronomes fortes: *ocê*, *você*

Pronomes fracos: *cê*, *ocê*, *você*

12. Maiores detalhes podem ser encontrados em Cardinaletti e Starke (1999: 147).

Recebido em julho de 2007
 Aprovado em maio de 2008
 E-mail: carolinapetersen@gmail.com

REFERÊNCIAS

- BRANDI, L. & P. CORDIN. 1989. Two Italian dialects and the null subject parameter. In: Jaeggli, O. & K. Safir. Eds.. *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 111-142.
- CARDINALETTI, A. & M. STARKE. 1999. The typology of structural deficiency: On the three grammatical classes. In: Henk van Riemsdijk. ed.. *Clitics in the Languages of Europe, Empirical Approaches to Language Typology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 145-233.
- CINQUE, G. 1988. On *Si* Constructions and the Theory of *Arb*. *Linguistic Inquiry* 19: 521-581.
- DUARTE, M. E. 2003. Sujeitos Expletivos no Português Brasileiro: As Construções de Alçamento. Ms., Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FERREIRA, M. 2000. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. M.A. thesis, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. 2004. Hyperraising and Null Subjects in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics* 47: *Collected Papers on Romance Syntax*, 57-85.
- GALVES, C. 1993. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.). *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 387-408.
- _____. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- HOPPER, P. J. & E. C. TRAUGOTT. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- KAYNE, R.S. 1975. *French Syntax*. Cambridge: MIT Press.
- _____. 1983. Chains, categories external to S, and French complex inversion. *Natural Language and Linguistic Theory* 1:107-139.
- _____. & J. Y. POLLOCK. 2001. New Thoughts on Stylistic Inversion. In: A. Hulk & J-Y Pollock. eds.. *Subject Inversion and the Theory of Universal Grammar*. Oxford University Press, New York.

- MARTINS, A. M. & J. NUNES. 2006. *Apparent Hyper-raising in Brazilian Portuguese: Base-Generation of Topics and Long Distance Agreement*. Ms., Universidade de Lisboa e Universidade de São Paulo.
- NUNES, J. 2007. *Sintaxe Gerativa Comparada: Português Brasileiro e Português Europeu*. Notas de aula, 1º semestre de 2007, Universidade de São Paulo.
- PAGOTTO, E. 1993. Clíticos, mudança e seleção natural. In: Roberts, I. & M. Kato. orgs.. *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 185-206.
- PAREDES SILVA, V. L. 1998. Variação e Funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no Português Carioca. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, 7 (2): 121-138.
- POLETTO, Cecilia 2000. *The higher functional field: Evidence from Northern Italian dialects*. New York: Oxford University Press.
- RAMOS, Jânia. 1996. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: Hora, D. org.. *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia Editora, 43-60.
- RAPOSO, E. & J. URIAGEREKA. 1996. Indefinite SE. *Linguistic Inquiry*. 14: 749-810.
- RIZZI, L. 1986. On the status of subject clitics in Romance. In: Jaeggli, O. and C. Silva Corvalan. eds.. *Studies in Romance Linguistics*. Foris: Dordrecht, 391-419.
- VITRAL, Lorenzo. 1996. A forma cê e a noção de gramaticalização. In: *Revista Estudos da Linguagem* . Belo Horizonte, 4 (1):115-124.